

Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto

*Graça Graúna**

A minha mãe Noemia e a todos(as) Potiguara.

Resumo

A presente contribuição aos estudos indígenas foi apresentada no dia 26 de abril de 2012, na Academia Brasileira de Letras (ABL), no Seminário Brasil, brasis. Trata de questões indígenas relacionadas a história, memória e cultura indígena. Índios, indígenas, parentes: quantos e quem somos. O que a Funai não vê. O que significa ser razoavelmente integrado. Autonomia. Literatura indígena contemporânea no Brasil. Questões em aberto. Sob a coordenação do Acadêmico Domício Proença Filho, o referido seminário trouxe o tema “O índio no Brasil contemporâneo”. Parte deste texto também foi compartilhado na roda de conversa, durante o IX Encontro Nacional de Escritores e Artistas Indígenas, que acontece anualmente, no Rio de Janeiro. À luz das palavras do chefe Seattle e da Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo a roda de conversa do grupo 3, apresentou propostas para as discussões acerca de literatura indígena e meio ambiente, rumo ao Fórum Rio +20. **Palavras chave:** literatura indígena, meio ambiente, Fórum Rio +20.

Indigenous Literature in contemporary Brazil and other open questions

Abstract

This contribution to indigenous studies was presented on April 26, 2012, the Brazilian Academy of Letters (ABL), Seminar in

* (Povo Potiguara/RN). E-mail: ggrauna@yahoo.com.br

Brazil, Brazils. It addresses issues related to history, memory and indigenous culture. Indigenous peoples: how many and who we are. What Funai did not see. What does it mean to be fairly integrated. Autonomy. Contemporary Indigenous Literature in Brazil. Under the coordination of Académico Domício Proença Filho, the seminar brought the theme “The Indigenous in contemporary Brazil.” Part of this text was also shared in the round of conversation, during the IX National Meeting of Indigenous Writers and Artists, held annually in Rio de Janeiro. In light of the words of Chief Seattle and the Solemn Declaration of Indigenous Peoples of the World Wheel of conversation in group 3, presented proposals for discussions about indigenous literature and environment, towards Rio +20 Forum.

Keyword: Indigenous literature; environment; Forum Rio +20.

Literatura indígena en el Brasil contemporáneo y otras cuestiones en abierto

Resumen

Esta contribución a los estudios indígenas fue presentado el 26 de abril de 2012, la Academia Brasileña de Letras (ABL), Seminario en Brasil, Brasiles. Se ocupa de temas relacionados con la historia, la memoria y la cultura indígena. Los indios, los familiares: cuántos y quiénes somos. Lo que no vio la Funai. ¿Qué significa estar bastante integrados. Autonomía. La literatura india contemporánea en Brasil. Bajo la coordinación del académico Domício Proença Filho, el seminario reunió con el tema «El indio en el Brasil contemporáneo.» Parte de este texto también fue compartida en la ronda de conversación, durante la IX Reunión Nacional de Escritores y Artistas Indígenas, que se celebra anualmente en Río de Janeiro. A la luz de las palabras del Jefe Seattle y la Declaración Solemne de los Pueblos Indígenas de la Rueda Mundial de la conversación en el grupo 3, presentaron propuestas para el debate sobre la literatura indígena y el medio ambiente, hacia Río +20 Foro.

Palabra clave: la literatura indígena; medio ambiente; Foro Rio +20.

Introdução

“A terra não pertence ao homem. O homem à terra pertence. Não foi o homem que teceu a trama da vida. Ao contrário, foi por ela tecido”. (Chefe Seattle)

Índios, indígenas: quantos e quem somos? Índios, indígenas são parentes; mas a sociedade dominante nos quer indigentes; os poderosos nos querem à margem. A Funai não quer ver, mas estamos aqui. Não somos invisíveis como querem que a gente seja.

O censo demográfico do IBGE, em 2010, diz que no Brasil existem 230 povos indígenas, totalizando 817.963 indígenas e que houve um acréscimo da população indígena no Nordeste (agora com 208.691 indígenas). No meio antropológico, esse processo é chamado de etnogênese; uma questão já vista por João Pacheco de Oliveira. Na opinião do parente Gersen Luciano Baniwa, esse processo refere-se à reafirmação identitária de grupos étnicos que diante de circunstâncias históricas foram impedidos de assumir sua identidade e que “por razões também históricas consegue reassumi-la e reafirmá-la, recuperando aspectos relevantes de sua cultura” (LUCIANO BANIWA, 2006, p.4).

Embora o censo indígena não seja considerado oficialmente, somos mais de 315.180 indivíduos sobrevivendo nos grandes centros urbanos. Viver na cidade grande não nos faz menos indígenas; mas a nossa condição de indígenas urbanos a Funai não vê e uma das provas da sua cegueira é não reconhecer a nossa existência nos Estados do Rio Grande do Norte (com 394 indígenas autodeclarados), Piauí (com 314 indígenas autodeclarados) e no Distrito Federal (não informado). Nós existimos; só não enxerga mesmo quem não quer ver. Para a Funai, os indígenas urbanos sequer estão inseridos no quadro de indígenas aptos a ser considerados indivíduos razoavelmente integrados à sociedade.

História e memória

Ao longo da história da colonização, os povos indígenas vivenciaram a impossibilidade de escrever e expor o seu jeito de ser e de viver em sua própria língua. Diante disso, podemos dizer

que não é à toa o fato de que «a memória oral continuou sendo o único caminho para [o ameríndio] guardar, pelo menos, parte da história», afirma o peruano Rodrigo Montoya Rojas (1998) – professor da Universidade de San Marcos (Lima/Peru). – no artigo *Historia, memória y olvido en los Andes Quechuas*¹. A respeito da literatura indígena, Rojas² comenta que a coexistência de elites indígenas dentro do império colonial abriu possibilidades ainda que restritas para que uma parte da memória oral dos povos americanos fosse escrita pelos primeiros mestiços e por alguns quíchuas.

Garcilaso De la Vega (também chamado de “el Inca”, filho de um nobre andaluz e de uma princesa Inca), Guamán Poma de Ayala e Titu Cusi Yupanqui são exemplos notáveis da historiografia andina. Exilado na Espanha, onde morreu em 1609, o Inca mestiço escreveu o outro lado da história indígena contrapondo o que fora narrado pelos cronistas que receberam a incumbência da coroa espanhola para mostrar os Incas como selvagens, pagãos, sodomitas e indignos de respeito. A monarquia proibiu a leitura da história escrita por De la Vega e, consequentemente, o uso do quíchua e das vestimentas da época incaica. Em 1781, os quíchuas são levados à pobreza e ao analfabetismo forçado com a morte do líder Túpac Amaru.

Literatura indígena, meio ambiente

Muito antes da colonização, a vocação enunciativa dos povos indígenas, isto é, a palavra indígena ecoa como sinal de sobrevivência e continuará ecoando contra os conflitos gerados pela cultura dominante. Foi com esta preocupação que milhares de vozes tribais reagiram ao Projeto de aculturação da sociedade dominante; milhares de vozes indígenas se reuniram em Port

¹ O **quíchua**, também chamado de **quechua** ou **quéchua**, é uma importante [família de línguas](#) indígenas da [América do Sul](#), ainda hoje falada por cerca de dez milhões de pessoas de diversos [grupos étnicos](#) da [Argentina](#), [Bolívia](#), [Chile](#), [Colômbia](#), [Equador](#) e [Peru](#) ao longo dos [Andes](#). Possui vários [dialetos](#) inteligíveis entre si. É uma das [línguas oficiais](#) de Bolívia, Peru e Equador.

² Rodrigo Montoya Rojas escreveu esse artigo à convite da Prof. Dra. Janice Theodoro e da equipe de História virtual do Departamento de História da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em novembro de 1998.

Alberny (Canadá) no ano de 1975, quando foi proclamada a seguinte Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo (Cf. GRAÚNA, 2001, p. 78-79):

Nós, povos indígenas do mundo, unidos numa grande assembleia de homens sábios, declaramos a todas as nações:
Quando a terra-mãe era o nosso alimento
quando a noite escura formava o nosso teto,
quando o céu e a lua eram nossos pais,
quando todos éramos irmãos e irmãs,
quando nossos caciques e anciãos eram grandes líderes,
quando a justiça dirigia a lei e sua execução,
aí outras civilizações chegaram!
Com fome de sangue, de ouro, de terra e de todas as suas riquezas,
trazendo numa mão a cruz e na outra a espada,
sem conhecer ou querer aprender
os costumes de nossos povos,
nos classificaram abaixo dos animais.
Roubaram nossas terras e nos levaram para longe delas,
transformando em escravos os “Filhos do Sol”.
Entretanto, não puderam nos eliminar, nem nos fazer esquecer o que somos,
porque somos a cultura da terra e do céu
porque somos de uma ascendência milenar e somos milhões.
Mesmo que nosso universo seja destruído,
NÓS VIVEREMOS,
por mais tempo que o império da morte!

Tecida na solidariedade, a poética declaração que acabamos de observar é expressão viva contra o projeto canadense de cidadania aos ameríndios, não menos desastroso que o projeto brasileiro. O primeiro está associado ao surgimento do Livro Branco³, em 1969. O seu objetivo é neutralizar definitivamente

³ No Canadá, a constituição só reconhece a existência de três grandes grupos indígenas: os Inuit, que vivem em pequenas comunidades no Ártico; os Métis (descendentes da miscigenação entre os nativos e os franceses) que habitam as províncias de Manitoba, Saskatchewan e Alberta e os Índios, também denominados de First Nations. Dessas nações, aproximadamente 60% vive em reservas e 40% em centros urbanos. (O Mensageiro, n. 110, p. 9).

a pessoa do Ameríndio (GRAÚNA, 2001, p.79). Nesse livro, o governo do Canadá redefine sua política excludente, propondo igualdade, liberdade e cidadania canadense aos nativos que ocupam o território desde muito antes da chegada dos franceses e ingleses colonizadores. Isso significa a perda da indianidade, a assimilação e a extinção progressiva dos direitos adquiridos.

Muito embora o surgimento do Livro Branco tenha abalado as associações políticas e ameríndias e venha gerando, ainda, inúmeras discussões sobre o assunto, o despertar literário do ameríndio acontece após a liberação desse livro.

No Brasil, o projeto governamental de 1978 propôs também aos nativos (indígenas) uma política semelhante à do governo canadense, ou seja, uma proposta indecorosa de converter os indígenas em cidadãos brasileiros, especificamente àqueles considerados mais próximos da cultura ocidental, “numa segunda edição da política do Marquês de Pombal. Se no século XVIII a consequência desta medida foi desastrosa, em nossos dias seria o atestado de óbito de um grande número de nações” como observa o missionário e indianista Prezia (apud GRAÚNA, 2001, p. 79-80).

Pensando no Fórum Rio+20, um grupo de escritores(as) indígenas reconhecidos(as) pelo Instituto Brasileiro para Propriedade Intelectual Indígena (Inbrapi) se reuniu no IX Encontro Nacional de Autores Indígenas, junto ao XIV Salão da Fundação Nacional do Livro para Crianças e Jovens (FNLIJ) e o Instituto C&A. Um dos objetivos foi discutir a relação entre literatura indígena e meio ambiente e como a literatura escrita por homens e por mulheres indígenas pode auxiliar nas reflexões do Fórum Rio + 20.

Parte desta reflexão foi compartilhada na roda de conversa, durante o IX Encontro Nacional de Escritores e Indígenas, que acontece anualmente, no Rio de Janeiro. À luz das palavras do chefe Seattle e da Declaração Solene dos Povos Indígenas do Mundo, o Grupo 3 (formado por dezenas de professores(as) de várias partes do Brasil) da roda de conversa apresentou propostas para as discussões acerca de literatura indígena e meio ambiente, rumo ao Fórum Rio +20. O referido grupo foi mediado por mim e pelos parentes indígenas Carlos Tiago (povo Sateré Mawé

AM), Jaime Diakara (povo Dessana, AM), Olívio Jekupé (povo Guarani, SP).

Uma das noções de “meio ambiente” está relacionada a um conjunto de fatores físicos, biológicos e químicos que cerca os seres vivos, influenciando-os e sendo influenciado por eles. No campo literário, nos valemos do termo “ambiguidade” para refletir a possível relação entre literatura e meio ambiente e se estendermos uma possível relação desses termos ao conceito de “sustentabilidade”, intuímos que por meio da nossa literatura reafirmamos o nosso estar no mundo, a nossa identidade visando também a nossa sustentabilidade.

Ao considerar a noção de sustentabilidade quanto a necessidade de desenvolvimento, para garantir o futuro das próximas gerações, a relação entre “meio ambiente” e literatura tende a revelar a sua tensão entre duas ou mais direções; sobretudo poético, pois se observarmos atentamente o campo de plurissignificação, esse campo sugere que poesia é sustentável, sim. Sendo assim, as possíveis respostas as indagações referentes a nossa literatura indígena devem ser, pelo menos, respostas pertinentes à história/memória dos povos indígenas.

A relação entre literatura e meio ambiente requer um olhar interdisciplinar e se possível colhida em loco: com os narradores, os pajés, os poetas, os historiadores, os estudiosos da terra, os sábios filhos da terra e as sábias filhas da terra (adultos e crianças, homes e mulheres); as sugestões, os ensinamentos e os procedimentos das sociedades tradicionais são relevantes para garantirmos a sustentabilidade e a preservação da Mãe Natureza para as gerações futuras; o que significa também uma forma de garantir as nossas seculares tradições indígenas.

Aqui, peço licença aos nossos ancestrais para expressar o que vem da minha alma. Mesmo que eu não tenha vivido os horrores que os parentes indígenas vivenciaram com a chegada obscura das caravelas, careço, preciso deixar, aqui, as minha acanhada impressão de leitura; almejando um futuro em que todos se reconheçam irmãos, e que a nossa vista alcance um futuro sustentável como quer a poesia. Eis um poema de minha lavra, escrito em 2002. Dedico-o aos Guarani que habitam em

Tenodé Porã (em São Paulo), onde entrei na Casa de Reza e - oferecendo a Nãnderu o meu poema “Serra do mar” - pedi por uma terra sem males:

Serra do mar

A história foi se formando na paisagem:
nem poluição
nem violência nas ruas
nem jogos sofisticados
nem roupas de grife
barulho nenhum de automóvel
só a voracidade do vento
passando por lá

O texto que segue é um poema narrativo, escrito por Verônica Manauara. Ela é formada em Letras e Jornalismo. Quando pedi à Veronica para falar a respeito da sua identidade étnica, ela respondeu o seguinte:

Qual seria o nome da minha etnia? Como poderia se chamar?
Pelo lado do papai, sou descendente de índias sobreviventes nos seringais de Rio Branco no Acre. Aonde ele nasceu (Cruzeiro do Sul). Filho de Português
Pelo lado da mamãe: emanescerentes da tribo Manaús – Formadora do solo da capital Manaus, onde o sangue do etnocídio se misturou ao barro, ficando o nome de Ajuricaba para cobrar das consciências. Por outro lado e mais próxima descendência dos índios Mura e judeus refugiados do Nazismo. Dos indígenas parentes próximos são os do Autazes. Fui gerada em Altazes, mas nasci em Manaus. É difícil dizer minha etnia com tanta fuga, tanta carreira, tanto nomadismo. De consciência sou Manaús.

Apresento o texto “**Composição de tudo**”, de Verônica Manauara (2012), para ilustrar também a estreita relação entre literatura e meio ambiente; seja essa literatura escrita por mestiços, negros, brancos e indígenas, entre outros. O importante é que o texto de Verônica reflete a sua militância pelos direitos

humanos e pelo meio ambiente junto à *Associação das Mulheres Inter-Raciais Guerreiras do Alto Solimões* (com sede em Tabatinga, Amazonas/Brasil).

A todos que compartilham desta reflexão, faço minhas as palavras de Verônica; para que o Grande Espírito, Nosso Pai, ilumine “a nossa trajetória para acertarmos [...] o caminho do Amor e aproveitar a passagem por aqui conhecendo nossos irmãos, saudando os presentes, e comemorando também os do futuro e os que já passaram” (Verônica, em depoimento pessoal, via e-mail). Na íntegra, segue o poema narrativo de Verônica Manauara (2012):

A Terra me emprestou seu barro e o Grande Espírito me construiu.
Minha mãe me deu abrigo enquanto escondida me aprontava para sair.
Minha mãe me deu abrigo para descansar. A terra me emprestou seus rios e mares para me esbaldar.
A terra me emprestou as flores para o meu enfeite, meu cheiro, meu mel, meu encanto.
Minha mãe me emprestou seu sangue e suas lágrimas para notificar.
E o vento? A terra me deu seu vento para me ninar e transpor barreiras nacionais e estrangeiras.
Minha mãe me deu cantos e histórias para embalar meus sonhos.
Ah...O doce balanço da Terra – terra redonda que gira, gira.
O doce balanço do ventre que agita que agita.
Que Espírito é esse que construiu a Terra que construiu a minha mãe que me construiu?
Que água é essa que me envolveu, me protegeu e ainda me inunda no processo da vida?
Que água é essa que me segue, que se esconde dentro de mim latejantemente quente, doce ou salgada
me banhando desde o ventre , me espionando em toda parte, no alto, no baixo, por dentro e por fora,
caindo suave, dominante, me chamando, me abastecendo sem fim?

Que Espírito é esse que construiu a Água que deu origem à vida
que deu origem a tudo na calada da noite e ao romper do dia?
Água que nasce na fonte serena do mundo

E a famílias dos ventos que movimentam o tudo? Que se vestem
coloridos nos balões da eterna infância,

Que sopram a água, o fogo e as mazelas inconvenientes aos
filhos da terra,

Que revisam cada célula nutrindo ribombantes pulmões, agi-
tando mares?

Que Espírito é esse que construiu o Vento, que ordena tudo no
vozerio da comunicação, na visita inesperada das folhas dançantes,
no bailado dos seres viventes, no soluço e nos gemidos linguagens
da dor e do amor?

Que Espírito é esse que emprestou o tempo, emprestou o espa-
ço, preencheu a Terra, preencheu meus ancestrais e me preenche
com este passado forte, presente lindo e futuro certo?

Ah, o balanço do tempo, o balanço da terra, o balanço do amor,
o balanço do ventre, o balanço da despedida, da viagem com
o vento como notas musicais. Indicando o caminho do portal
Arco-íris, trabalhar eternamente para a composição de tudo. Daí
a recordação musical...

“Vento que balança as folhas do coqueiro,

vento que balança as águas do mar...

Vento, diga, por favor,

aonde se escondeu o meu amor”

Conclusões (em aberto)

A nossa literatura contemporânea é um dos instrumentos
que dispomos também para refletir acerca das tragédias cometi-
das pelos colonizadores contra os povos indígenas; a literatura é
também um instrumento de paz a fim de cantarmos a esperança
de que dias melhores virão para os povos indígenas no Brasil
e em outras partes do mundo. Fazer literatura indígena é uma
forma de compartilhar com os parentes e com os não indígenas
a nossa história de resistência, a nossas conquistas, os desafios,
as derrotas, as vitórias ou como fizemos na roda de conversa de
escritores e artistas indígenas rumo ao Fórum Rio +20; assim

como fez, também, o parente Gersen Baniwa ao perguntar no seu livro: o que precisamos saber a respeito dos povos indígenas no Brasil de hoje?

Porque a palavra indígena sempre existiu, agradeço pela oportunidade que me deram de estar aqui, na esperança de cultivar o direito de sonhar e a liberdade de expressão, sempre. Que Nãnderu nos acolha.

Referências

BANIWA, Gersen dos Santos Luciano. O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil. [Coleção Educação para Todos]. Brasília/DF:MEC, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>>, p.4. Acesso em: abr. 2012.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil.[Tese de Doutorado em Letras]. Recife: UFPE/PPL, 2001.

_____. Serra do mar. In: GRAÚNA, Graça. Tear da palavra. Maricá/RJ: M.E, Edições Alternativas, 2007, p. 23.

MANAUARA, Verônica. Composição de tudo (poema). Disponível em: mve-ronicaverde@hotmail.com. Acesso em: 23.abr.2012.

ROJAS, Rodrigo Montoya. Historia, memória y olvido en los Andes Quechuas . In: **Revista Ciberayllu**. ISSN 1527-9774. Disponível em: <http://www.andes.missouri.edu/andes/Especiales/RMMemoria/RM_Memoria1.html>. Acesso em 24. JUN. 2012.

Recebido em 24 de maio de 2012.

Aceito em 18 de junho de 2012.